

TERRITÓRIOS JUVENIS NEGROS: SENTIDOS DAS EXPERIÊNCIAS EM UM BAILE FUNK NO AGLOMERADO DA SERRA/BH

Luísa Cristina Nonato ¹

Juliana Batista dos Reis ²

155

Resumo

O artigo apresenta reflexões sobre as relações entre juventudes e territórios, a partir de uma etnografia realizada em um baile funk no Aglomerado da Serra, a maior favela de Belo Horizonte/MG. Os bailes *funk* podem ser compreendidos como uma expressão das culturas juvenis, protagonizados especialmente por jovens negras/os e pobres. Assim, o artigo analisa a pluralidade de experiências de jovens no território do baile e as relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade nessa dinâmica de sociabilidade juvenil. Portanto, território e territorialidades como conceitos da ciência geográfica são categorias analíticas relevantes. Algumas ruas, becos e praças são territórios importantes para o entendimento da espacialidade do baile. A pesquisa desvelou a importância do baile *funk* como dinâmica de experiências juvenis e uma possibilidade de lazer para jovens negras/os e pobres.

Palavras-chave: Juventudes; Territórios; Identidade negra; Sociabilidade; Culturas juvenis.

BLACK YOUTH TERRITORIES: MEANINGS OF EXPERIENCES IN A FUNK PARTY IN AGLOMERADO DA SERRA / BH

Abstract.

The article presents reflections on the relations between youth and territories, based on an ethnography conducted at a funk party in Aglomerado da Serra, the largest favela in Belo Horizonte/MG. The funk parties can be understood as an expression of youth cultures, performed especially by black and poor young people. Thus, the article analyzes the plurality of youth experiences in the territory of the party and the ethnic-racial, gender, and sexuality relations in this dynamic of youth sociability. Therefore, concepts such as territory and

¹ Graduada em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, luisa.nonato@hotmail.com, URL <https://orcid.org/0000-0002-6684-8958>.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade, compõe a coordenação do Programa Observatório da Juventude da UFMG, jubtr@yahoo.com.br, URL <http://orcid.org/0000-0002-6477-5388>.

NONATO & REIS, *Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH*

territorialities, from the point of view of geographic science are relevant analytical categories. Some streets, alleys and squares are important territories to understand the spatiality of the party. The research revealed the importance of funk parties as a youth experience and a possibility of leisure for black and underprivileged young people.

Keywords: Youth; Territories; Black Identity; Sociability; Youth Cultures.

TERRITORIOS NEGROS JUVENILES: SIGNIFICADOS DE LAS EXPERIENCIAS EN UNA FESTA FUNK EN AGLOMERADO DA SERRA / BH

156

Resumen

El artículo presenta reflexiones sobre las relaciones entre jóvenes y territorios, a partir de una etnografía realizada en un baile funk en Aglomerado da Serra, la mayor favela de Belo Horizonte/MG. Los bailes funk pueden entenderse como una expresión de las culturas juveniles, protagonizada especialmente por jóvenes negros y pobres. Así, el artículo analiza la pluralidad de experiencias de los jóvenes en el territorio y las relaciones étnico-raciales, de género y de sexualidad en esta dinámica de sociabilidad juvenil. Por lo tanto, el territorio y las territorialidades como conceptos de la ciencia geográfica son categorías analíticas relevantes. Algunas calles, callejones y plazas son territorios importantes para comprender la espacialidad de la fiesta. La investigación reveló la importancia del baile funk como dinámica de experiencias juveniles y posibilidad de ocio para jóvenes negros y pobres.

Palabras clave: Jóvenes; Territorios; Identidad negra; Sociabilidad; Culturas juveniles.

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica desenvolvida em um baile *funk* no Aglomerado da Serra, a maior favela da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais³. Para além de propor uma reflexão sobre a relação entre juventudes e territórios interfacetadas aos marcadores sociais da diferença, a investigação revela experiências vividas por uma das autoras, uma jovem negra, favelada, que se graduou no curso de Geografia em uma universidade pública.

Em alguma medida, deslocamentos realizados em transporte público coletivo, especialmente, às sextas-feiras, ao final das aulas noturnas na Universidade, potencializaram o desenvolvimento da pesquisa que tematiza esse texto. Ao retornar para casa, uma das autoras sempre se encontrava com jovens que se deslocavam de variadas regiões da cidade de Belo Horizonte e da Região Metropolitana para irem aos bailes *funk* dentro do Aglomerado da Serra, seu território de moradia. Os encontros com esses sujeitos aconteceram nos pontos de ônibus ou dentro do transporte público e, assim, o interesse de compreender o fluxo de pessoas se deslocando nas noites de sextas-feiras para o Aglomerado da Serra foi aguçado. Parafraseando o filósofo e educador brasileiro Paulo Freire, uma curiosidade inicial e ingênua se transformou em curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996), ao assumir a leitura crítica do baile *funk* como espaço geográfico.

Para a geografia, o conceito de território é central nas pesquisas sócio-espaciais (SOUZA, 2013) pois pode desvelar as relações de poder que são exercidas de modo desigual e que são materializadas nos espaços. Assim, as experiências juvenis nos bailes *funk* podem ser compreendidas como “relações sociais diretamente espacializadas” (SOUZA, 2013, p. 35). Além disso, as diferentes formas de ocupação e apropriação do espaço geográfico tendem a gerar conflitos, negociações e transformações nos espaços que são

³ A pesquisa foi desenvolvida em 2019 e apresentada como trabalho de conclusão do curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais com o título “As juventudes nos territórios: uma etnografia de um baile funk no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte/MG.”

atribuídos de sentidos pelos sujeitos que neles estão. Nesse sentido, concordando com a geógrafa Doralice Pereira (2014), o espaço é produto social que demanda o entendimento de “‘produção’, de ‘produto’ e de suas relações” (PEREIRA, 2014, p. 86). Por isso, ao compreender como acontecem os bailes e os sentidos e significados dessa participação para jovens negras/os, pretendemos contribuir para outras leituras desse espaço urbano e as apropriações protagonizadas por alguns sujeitos em seus momentos de lazer nos espaços públicos da cidade.

O *funk* é um ritmo bastante popular no Brasil e uma expressão musical frequente em diferentes tipos de festas nas mais variadas camadas sociais. Contudo, em uma sociedade marcada por diferenças que também se expressam como múltiplas desigualdades, sua presença é criminalizada ou valorizada dependendo dos espaços e dos sujeitos envolvidos. Em alguma medida, quando o ritmo é vivenciado nas favelas e periferias brasileiras, principalmente por jovens negras/os e pobres, é recorrentemente reprimido pelo Estado, especialmente através da polícia⁴. Compreendemos que a criminalização do *funk* é histórica e se entrelaça às outras formas de criminalização de manifestações culturais, como a capoeira, o samba, os saraus marginais e o rap que têm sua origem, sobretudo nas periferias, especialmente, entre a população negra da diáspora africana no Brasil. Desse modo,

ao criminalizarem o funk, e o estilo de vida daqueles que se identificam como funkeiros, os que hoje defendem sua proibição são os herdeiros históricos daqueles que perseguiram os batuques nas senzalas, nos fazendo ver, de modo contraditório, as potencialidades rebeldes do ritmo que vem das favelas. (FACINA, 2009, p.1)

A análise desenvolvida nesse texto é política e, portanto, a associamos ao movimento de produção do conhecimento que se insere na luta antirracista que desafia a universidade e os órgãos do Estado a implementarem políticas afirmativas (GOMES, 2009). A pedagoga Nilma Gomes compreende que as/os intelectuais negras/os

⁴ Essa pesquisa relevou, a partir da etnografia e das falas das/os jovens participantes, situações de violência que elas/es vivenciaram ao frequentarem os bailes funk em favelas de Belo Horizonte. Detalhamos essas experiências ao final do texto.

produzem conhecimento e localizam-se no campo científico. São intelectuais, mas um outro tipo de intelectual, pois produzem um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sócio-raciais e suas vivências. (GOMES, 2009, p. 421)

Nossas reflexões se entrelaçam às propostas de olhar para os territórios periféricos e suas manifestações culturais a partir da ótica das potencialidades, espaço de inventividades que criam as cidades, como sugerem os geógrafos Jailson Silva e Jorge Barbosa (2005) e, também, compartilhado pelas contribuições da cientista social Clarice Libânio (2007) sobre as favelas de Belo Horizonte.

Desse modo, o texto busca apresentar como se configuram os processos de ocupação de um território de um baile *funk* no Aglomerado da Serra, os sentidos e os significados que jovens negras/os atribuem às relações de sociabilidade na utilização do espaço público da cidade e como essa ocupação amplia a construção de suas identidades.

A caracterização do espaço da pesquisa

O Aglomerado da Serra, uma periferia urbana localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, é o maior conjunto de vilas e favelas do estado de Minas Gerais. Seu entorno está configurado pelas encostas da Serra do Curral, uma importante paisagem de valor simbólico para as/os belo-horizontinas/os, além dos bairros de classe média e alta, como Serra e Mangabeiras que estão ao redor das vilas da comunidade (figura 1). Oficialmente, o Aglomerado é formado pelas vilas Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santana do Cafezal, Novo São Lucas, Fazendinha e Marçola. São vilas que, ao longo da história, também ganharam outras toponímias, como Arara, Pau Comeu, Caixa D'água, Del Rey, Café, Favelinha, Baixada e outros. Essas identificações atribuídas pelas/os próprias/os moradoras/es também dão nomes aos bailes que acontecem nas praças, bares e ruas da favela, o que demonstra uma relação intrínseca com o território em que acontecem as festas.

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH



Figura 1: Localização do Aglomerado da Serra em Belo Horizonte/MG

As favelas de Belo Horizonte surgiram a partir da construção da cidade (GUIMARÃES, 1991). O Aglomerado da Serra foi se consolidando a partir da imigração e da ocupação do espaço, principalmente, por pessoas vindas do interior de Minas Gerais e de outros estados brasileiros com a expectativa de uma “vida melhor”, orientadas pelo imaginário social dos benefícios de uma cidade planejada, aliás, a segunda capital planejada do Brasil, em 1897. Clarice Libânio (2007) compreende que o processo de industrialização e do êxodo rural são alguns dos fatores desse processo de favelização na cidade. Assim, em Belo Horizonte, “as favelas foram surgindo devido à hierarquização urbana, o que propiciou a formação das favelas como se as mesmas estivessem ‘programadas’ desde a criação da nova Capital Estadual.” (LIBÂNIO, 2007, p. 23)

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

As ruas, becos, vielas e praças são também historicamente territórios de lazer no Aglomerado da Serra. Há registros sobre as manifestações culturais, de lazer e sociabilidade em estudos de Miguel Almeida (2006), Thiago Costa (2011) e Leonardo Silva (2012). Atualmente, os encontros festivos, particularmente os bailes *funk*, acontecem em variados espaços do Aglomerado da Serra, como em ruas, praças, bares etc. São eventos dinâmicos e se dispersam rapidamente, o que nem sempre nos permite afirmar sua frequência e local exato. Tendo em vista esta constatação, para o desenvolvimento da pesquisa escolhemos um baile *funk* que acontecia nos arredores de um bar. A escolha por esse baile foi estabelecida pela constante assiduidade de sua realização no período da pesquisa (entre de março a setembro de 2019), sempre às sextas-feiras, sábados e em vésperas de feriados.

O “Baile do Mariano” é o nome que as/os jovens frequentadoras/es o definiam. Durante uma das idas ao campo, observamos que ao tocar a música “Nada mudou” de MC Rick⁵, um jovem negro e funkeiro muito conhecido na cena do *funk* mineiro, as/os jovens no baile ao invés de pronunciarem “Nada mudou, Papagaio é o Setor!” tal como a letra da canção, cantaram “Nada mudou, Mariano é o Setor”. A mudança na letra reforça relações entre as identidades musicais, juvenis e territoriais. Além disso, ao proferirem que “Mariano é setor”, as/os jovens que frequentam o baile sinalizam a relevância e potência de uma “parte” do território. A própria palavra setor pressupõe uma seção ou um pedaço (MAGNANI, 2007) e assim revela a importância dessa localidade nas identidades juvenis a partir dos sentidos afetivos e limites simbólicos que o baile ocupa.

Para o antropólogo José Magnani (2007), o pedaço se refere às relações sociais tecidas pelos sujeitos no/com o espaço, transformando-o em um território. É também

uma espécie de identidade entre os frequentadores e o local, constituindo um ponto de referência comum. O “pedaço” é um espaço intermediário entre a casa e a rua, onde os colegas, “chegados” ou “manos” se encontram, estabelecendo outro tipo de socialização, diferente tanto das relações que

⁵ Vídeo da música no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=FI5070S5QjA>

organizam o plano doméstico, como daquelas presentes no âmbito público e/ou impessoal. (LEAL, LIMA, REIS, 2014, p. 5)

Anunciamos de antemão que o baile etnografado pode ser compreendido como pedaço relevante para a sociabilidade juvenil, referência territorial de lazer para jovens negras/os periféricas/os que estabelecem sentidos para esse território no Aglomerado não apenas como referência espacial ou espaço funcional de residência, mas, categoria social e simbólica (DAYRELL, 2005) assim como as/os sujeitas/os da pesquisa revelaram em suas falas e experiências.

A pesquisa etnográfica e sentidos juvenis do baile

Diante da expectativa de compreender o baile do ponto de vista juvenil, a pesquisa foi desenvolvida a partir das contribuições metodológicas da etnografia urbana que pretende ver “de perto e de dentro” os fenômenos, como propõe Magnani (2002). Essa perspectiva privilegia olhares das/os sujeitas/os que vivem as dinâmicas das grandes metrópoles: as/os moradoras/es das cidades que “em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole.” (MAGNANI, 2002, p. 15). A perspectiva de pesquisa e análise “de perto e de dentro” é “capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.” (MAGNANI, 2002, p. 17).

Para isso, foram realizadas visitas de campo no território do baile durante três meses, marcadas pela intensa convivência com algumas/uns jovens. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com jovens frequentadoras/es, moradoras/es e não moradoras/es do Aglomerado da Serra, para compreender os sentidos que as/os sujeitas/os atribuíam à participação na festa.

O trabalho de campo para as pesquisas em geografia, segundo o geógrafo Cássio Hissa “é um exercício de visita intencional ao mundo, a certo recorte de mundo, para que, em

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

determinadas pesquisas, informações possam ser recolhidas e organizadas.” (HISSA, 2013, p. 130-131) Além de ir deliberadamente a uma parte do mundo pesquisado, o caderno de campo é uma ferramenta fundamental para as pesquisas das/os geógrafas/os, pois permite o registro de fragmentos do que se é observado. Nesta pesquisa, o bloco de notas do celular foi o caderno de campo. Ele foi usado para descrever as observações in loco e, posteriormente, o uso do computador para sistematizar as observações e análises. Além das anotações durante as visitas ao campo, as experiências vividas por uma das autoras foram importantes no desenvolvimento da pesquisa, pois o fato de pertencer ao território viabilizou o entrelaçamento de diferentes elementos da metodologia e de suas experiências como pesquisadora/moradora.

Na pesquisa etnográfica o encontro com as/os sujeitas/os é fundamental. São elas/es que guiam as compreensões sobre os fenômenos experienciados. Por isso, conhecer e estabelecer relações com as/os jovens frequentadoras/es do baile foi primordial para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida na perspectiva de compreender as experiências do ponto de vista juvenil. Durante as idas ao baile, os encontros com Aparecida, Lucas e Fátima⁶ foram essenciais para o andamento da pesquisa pois nos permitiu acessar outros sujeitas/os, relações e espaços. Além das relações construídas no baile, as entrevistas viabilizaram alcançar as interpretações juvenis sobre diferentes territorialidades e como essas/es jovens ocupavam os territórios do Aglomerado e do baile.

A escolha por privilegiar três jovens na investigação foi motivada pelas aproximações, relações de empatia e de suas disponibilidades para compartilhar experiências e narrativas sobre suas vivências. Aparecida e Lucas moravam no Aglomerado da Serra, Fátima era moradora de uma vila em um bairro vizinho à região do Aglomerado, com distância de aproximadamente cinco quilômetros.

⁶ Os nomes das/o sujeitas/o da pesquisa são fictícios e suas respectivas identificações são também nomeações de vilas do Aglomerado da Serra.

Compreendemos que a condição juvenil é constituída por uma pluralidade de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos, marcados pela diferença e desigualdade. Analisar as vivências juvenis em um baile *funk* evidencia o alcance de experiências vitais em busca do “negro vida” em contraposição ao “negro tema”. (RAMOS, 1957 apud GOMES; LABORNE, 2018). A pesquisa etnográfica mobilizou percepções sobre a noção de experiência, já que o trabalho de campo possibilitou experiências em conjunto com as sujeitas/o, além da escuta sensível sobre as experiências juvenis. Para o pedagogo Jorge Larrosa Bondía (2002), a experiência é

a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.19).

Desse modo, as experiências proporcionadas por esta pesquisa foram importantes, pois possibilitaram trocas únicas com as/os jovens frequentadoras/es do baile e não aconteceram apenas em dias de festa (sextas, sábados e vésperas de feriado), tampouco somente no bar. As inúmeras trocas aconteceram (e ainda acontecem) durante os variados trajetos de uma das autoras pelo Aglomerado da Serra, como moradora.

Para tanto, compartilhamos elementos singulares e coletivos das experiências dessas/e sujeitas/o, tendo em vista os sentidos e os significados que atribuem ao baile, às relações de sociabilidade e à ocupação de espaços públicos na construção de suas identidades como jovens negras/o.

Aparecida tinha 22 anos no período de realização da pesquisa, era uma jovem que se autoclassificava como negra e lésbica⁷. A aproximação com a Aparecida no baile foi fundamental, pois foi ela quem possibilitou o estabelecimento de relações posteriores

⁷ Como ainda será descrito, o trabalho de campo desvelou a importância das relações raciais, de gênero e sexualidade nas experiências juvenis. Assim, na realização das entrevistas, as/o jovens também indicaram seus pertencimentos raciais, identidades de gênero e orientações sexuais.

com Lucas e Fátima. Na pesquisa etnográfica as relações de confiança são imprescindíveis para acessar espaços e sujeitas/os. Aparecida nasceu e vivia no Aglomerado da Serra, na Vila Nossa Senhora de Fátima, com a mãe e duas irmãs. Ao longo da pesquisa, ela nunca falou sobre o pai. A família da jovem era evangélica e frequentava uma igreja neopentecostal do Aglomerado da Serra. Desde criança, Aparecida ia à igreja, tendo sido batizada. Aparecida, em diferentes momentos, explicitou sua forte relação com a igreja, bem como as contradições entre a socialização religiosa e a socialização no baile. Durante o período da pesquisa, a jovem que tinha o ensino médio incompleto, não estava estudando e trabalhava informalmente cuidando de três crianças durante parte do dia, uma atividade muito comum às jovens mulheres negras e pobres brasileiras, que rotineiramente desenvolvem trabalhos no âmbito do cuidado e/ou do trabalho doméstico.

Perguntamos para as/os três sujeitas/os da pesquisa: “Quem é você no baile?” e Aparecida prontamente respondeu: “Surtada! Nu, fico bem louca. Todo mundo já sabe que aonde eu chego não consigo ficar parada, eu embrazo⁸”. Aparecida e Lucas usaram o termo “louca” para definir como se sentiam no baile, o adjetivo sinaliza sensações de euforia, agitação e diversão.

Aparecida contou que frequentava os bailes há pelo menos cinco anos. Segundo ela, a iniciação aconteceu “desde o dia que minha mãe me proibia de ir. Eu fui uma vez e nunca mais parei de ir [...] Ah, eu tinha uns 16 pra 17 [anos]”. Diante da sua fala, é importante destacar que o desejo de participar dos bailes foi inicialmente reprimido pela mãe, o que não impediu que ela estivesse presente nesses eventos, pelo contrário, foi um aspecto que impulsionou sua frequência no baile. Costumeiramente, na adolescência as/os jovens costumam experimentar relações de distanciamento e oposição às

⁸ Embrazar é um verbo bastante comum entre algumas/uns jovens. A palavra está presente em muitas músicas de funk, por exemplo na música “Vai embrazando” de MC Zaac (<https://www.youtube.com/watch?v=Nk7S7D0CQOY>). Embrazar significa participar ativamente de uma situação. Ou seja, no contexto de uma festa como o baile, ao dizer “eu embrazo mesmo”, Aparecida indica sua intensa presença, dançando e se divertindo.

vivências familiares, sendo comum o encontro com os pares para a constituição de outras identidades com outros grupos sociais, além da vivência de outras relações de sociabilidade (DAYRELL, 2005). Para a cientista social Cynthia Sarti (2003) há um distanciamento da família, mas não um rompimento, pois a família ainda é vista como um espelho, apesar do distanciamento e a busca por afirmação em outros espaços. Assim, as experiências de Aparecida revelaram a presença familiar pelos vínculos religiosos e ao mesmo tempo, afastamento pela sua intensa presença no baile, forma de autoafirmação de outra identidade. Lucas e Fátima também foram iniciados em práticas religiosas em igrejas evangélicas na infância, mas, diferente de Fátima, já não frequentavam e nem viviam sob a pressão dos pais ou familiares por terem que ir à igreja.

Lucas era um jovem que se autotranscrevia como negro e gay, na época da pesquisa tinha 19 anos. Era morador do Aglomerado da Serra desde seu nascimento. Ele estava cursando o nono ano do Ensino Fundamental no período noturno em uma escola pública e municipal no Aglomerado da Serra, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Assim como Aparecida, Lucas possuía vínculos laborais informais, trabalhava como vendedor numa loja de roupas, sem carteira assinada, logo não possuía assegurado seus direitos trabalhistas. A loja na qual Lucas trabalhava funcionava de segunda-feira a sábado na Vila Nossa Senhora de Fátima, dentro do Aglomerado da Serra. Por morar, trabalhar e estudar no Aglomerado, Lucas passava a maior parte do tempo numa mesma região. Além disso, suas atividades de lazer também ficavam muito restritas ao mesmo território. Perguntamos a ele: “Quem é você no baile?” e ele respondeu:

E eu diria que eu sou só o Lucas [...] Que não pode ver uma turminha de bagunça que ele já quer se aparecer mais que todas, roubar a cena mesmo, falar alto, bater palma, chamar a atenção, ficar bem louca [...] Eu acho que eu sou, bem, bastante aparecida! (Lucas, 2019)

Na maior parte da entrevista Lucas falava sobre si mesmo no feminino, como “ficar bem louca”, “aparecer mais que todas”, o que demonstra que, em alguma medida, também

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

se identifica com o feminino, ainda que sua identidade de gênero tenha elementos masculinos. O fato de Lucas utilizar o artigo feminino para dizer sobre si pode ser compreendido como uma prática de re-existência e afirmação de uma identidade não hegemônica. Alguns sujeitos e coletivos buscam ressignificar positivamente termos como viado, bixa, travesti, mulherzinha, usados comumente para estigmatizar. O uso afirmativo das mesmas expressões é forma de contestação e luta pela afirmação de identidades diante de discursos conservadores, hierarquizantes e normalizantes. (ALEGRIA, 2018).

Como anunciado, conhecemos Lucas a partir da Aparecida, o que possibilitou o convite para que ele também participasse da pesquisa. Durante a entrevista, perguntamos a ele: Desde quando você vai aos bailes aqui da Serra? Ele, rapidamente, trouxe elementos sobre sua infância, adolescência e sexualidade.

Desde quando nós [ele e a Aparecida] conheceu os bailes, nunca mais nós para! Toda sexta! [...] Eu, minha filha. Nosso Deus! Eu curto desde novinho. Eu sempre tive uma vida, assim, aberta, né?! Quando eu falei com a minha mãe que eu era viado, acho que eu nem sabia o que era ser um viado [...] Eu já falei com ela e ela ficou doida. (Lucas, 2019)

Lucas, provavelmente, desde a infância, vivenciava situações de constrangimento e/ou violência de gênero em diversos espaços de socialização, como ilustra o trecho acima em que narra uma situação familiar. Assim, não estar em conformidade com a heteronormatividade e estereótipos de gênero pode consistir na violação de direitos. (BRASIL, 2016).

Compreendemos que Lucas não se sentia intimidado em narrar suas experiências como um jovem gay, inclusive contando como se relacionava com outros homens no baile que segundo ele “se dizem heterossexuais no dia a dia”. Os homens com os quais Lucas se relacionava no baile não assumiam abertamente as identificações como homossexuais ou bissexuais, talvez pelo fato de no território do baile, essas identidades serem vistas de modo negativo. Durante a entrevista perguntamos ao Lucas: “O que é ser jovem gay no baile?”. Ele disse: “[...] Ser LGBT é muito bom. Tem muita gente lá [no baile] que não

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

liga pra nada.” Contudo, essa afirmação de sua identidade positiva e afirmativa pode também ser questionada já que em situações compartilhadas pelo jovem, ele só podia se relacionar afetivamente com outros homens no baile às escondidas, longe de outras pessoas.

Também para Aparecida, o baile não era um local livre e seguro para experienciar sua condição como uma jovem mulher negra e lésbica. Ela relatou algumas situações em que as relações desiguais de gênero marcaram negativamente suas experiências no território. Aliás, por serem mulheres, tanto Aparecida quanto Fátima relataram que preferiam ir ao Baile às sextas-feiras uma vez que havia mais espaço para dançar e circular, conseqüentemente podiam ficar mais à vontade. Entretanto, não deixavam de experienciar situações de violência sexual e de gênero, como assédio e constrangimentos, como expõe Aparecida.

É muito homem. Eu não gosto de ficar, assim, muito perto assim, de muito homem. Nossa! Uma beiradinha para a gente dançar e quando você olha pra trás tem um bocado [de homem] na sua distância te sarrando⁹. Como você fica? (Aparecida, 2019).

Para a historiadora Guacira Louro (2007), as construções das relações de gênero e da sexualidade são processos que acontecem no âmbito da cultura ao longo de toda a vida, em diferentes espaços de socialização institucionais ou não. Em tais dinâmicas somos ensinadas/os os papéis masculinos e femininos, por meio da socialização em situações educativas diversas. Assim, segundo Louro,

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é compreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2007, p.18)

⁹ É um verbo que significa encostar-se em uma outra pessoa principalmente quando se está dançando. O encostar tem a dimensão da sensualidade/sexualidade envolvida. Portanto, usa-se partes do corpo específicas ao sarrar.

As construções no imaginário social acerca das relações de gênero e da sexualidade conduzem comportamentos e ditam normas que condicionam diferentes e desiguais modos de viver de homens e mulheres. Esses comportamentos naturalizam certas práticas, como sinaliza Aparecida ao compartilhar situações de assédio no baile em que os homens acreditam ter liberdade para tocar em mulheres sem sua autorização. Em uma leitura interseccional é preciso compreender as especificidades das experiências das jovens negras. Afinal, são as próprias jovens que interpelam por olhares sensíveis sobre as intersecções de geração, classe, raça, gênero e sexualidade.

Além de preferir ir ao baile às sextas-feiras, em função da condição feminina, Fátima também preferia frequentar o baile nesse dia por uma questão de identidade territorial já que era quando havia mais moradoras/es do Aglomerado da Serra como frequentadoras/es. Segundo ela,

Na sexta-feira eu particularmente me sinto mais animada pra sair, por isso eu prefiro ir, não só ao baile, mas em qualquer outro tipo de passeio eu prefiro nas sextas [...] No sábado, quando eu te disse que [o baile] é dos *boys*, é que vai outras pessoas que não são da comunidade, que não são da favela e tudo, entendeu? E nos sábados eles vão mais, vão em peso.” (Fátima, 2019)

Quando Fátima nomeia “*boys*”, ela está se referindo à presença de pessoas de outras classes sociais, principalmente, homens brancos não moradores do Aglomerado. A presença maciça de pessoas “que não são da favela” lhe causava algum desconforto. Assim, se por um lado nossas observações revelaram que o baile é um território majoritariamente negro e juvenil, por outro, há nuances de outros pertencimentos raciais em variados dias da festa.

Fátima era uma jovem que se autotranscendia como negra e heterossexual e na época da entrevista tinha de 27 anos. Ela não morava no Aglomerado da Serra, mas tinha amigas/os moradoras/es, por isso era um território que frequentava com regularidade. Ela vivia com sua mãe e uma irmã mais nova na vila Pindura Saia (ver figura 2), que fica aproximadamente cinco quilômetros de distância do Aglomerado da Serra, também na região centro-sul de Belo Horizonte. Ela se formou no Ensino Médio e fez um curso de

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

cabeleireira, sua profissão. Durante o período da pesquisa, Fátima estava desempregada.

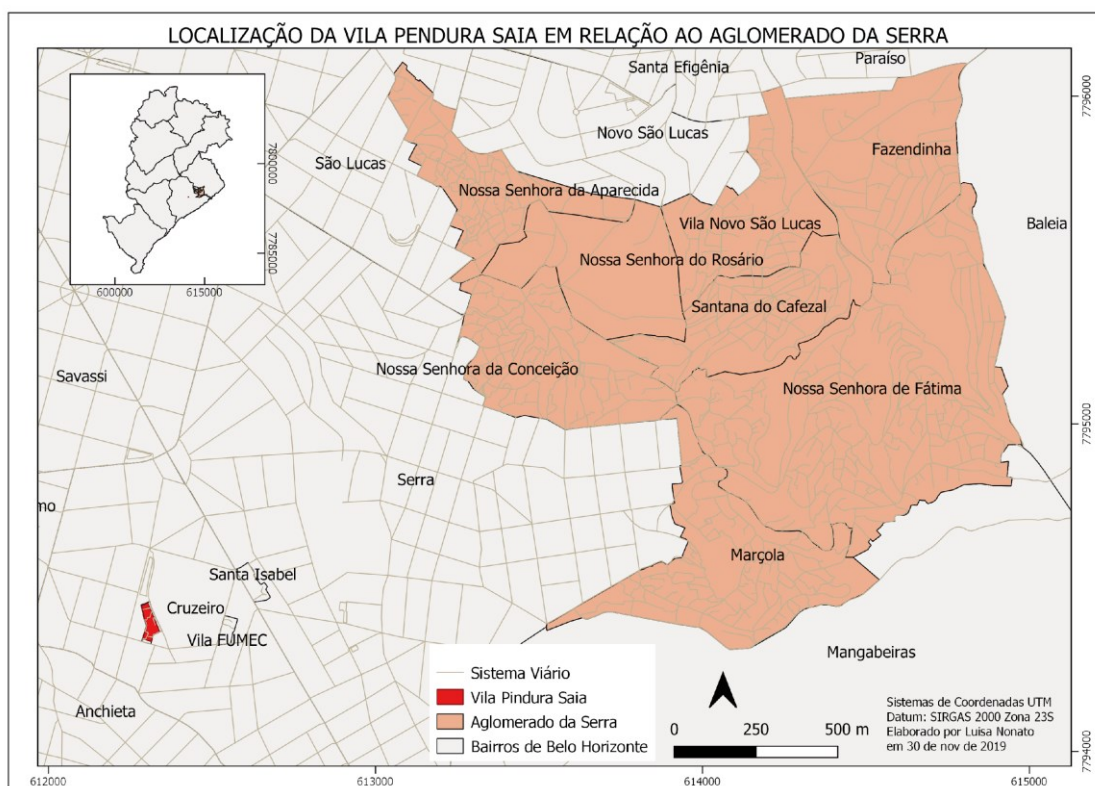


Figura 2: Localização da Vila Pindura Saia em Belo Horizonte/MG

Importante indicar que a vila onde Fátima morava, nos anos de 1920, passou por um intenso processo de remoção de moradias de famílias pobres devido aos interesses do mercado imobiliário, naquela época para a expansão da Avenida Afonso Pena, o que contribuiu significativamente para a expansão do Aglomerado da Serra. (FERRAZ, 2017).

Devido às remoções, à ausência do Estado e ao tamanho reduzido da vila Pindura Saia, os espaços coletivos de sociabilidade são bastante restritos, sendo marcantes as casas de vizinhas/os e amigas/os, pois praças, parques e outros espaços públicos de lazer não existem no local. Por ser uma vila com poucas opções de lazer para as/os jovens, Fátima frequentava cotidianamente o Aglomerado da Serra. Perguntamos se ela frequentava a Serra em outras ocasiões, para além dos dias de baile e ela respondeu “Domingo eu

gosto de ir na [Praça do] Cardoso, vou visitar meus amigos [...] Parentes na Serra eu não tenho não, eu tenho amigos, na verdade.” Como outras pesquisas indicam (DAYRELL, 2005), havia reconhecimento e afinidade entre Fátima, Lucas e Aparecida como jovens moradoras/es de um território periférico.

Além de frequentar o baile do Mariano nos últimos dois anos, Fátima frequentava outros bailes também no Aglomerado da Serra. Sobre outras festas e bailes no Aglomerado ela comentou:

Quando tinha outros bailes na Serra eu ia também. No momento não tá tendo outros, né? Tá tendo só do Mariano mesmo. Mas quando tinha outros eu ia sim [...] Tinha vários... PC [Pau Comeu], Coqueiro, Favelinha, [Rua] Binário, [Praça da] Lira, Del Rey, Caixa D'água, [Rua] Sacramento, Rua da Água. (Fátima, 2019).

Tendo em vista os diferentes bailes que Fátima anunciou, é possível perceber que a maioria deles aconteciam (e ainda acontecem) em ruas do Aglomerado da Serra. Nesse sentido, nomear o baile *funk* como território juvenil e negro é ensejo para substanciar as experiências de jovens pobres que constroem formas de lazer e ocupam de diferentes e inventivos modos os territórios, especialmente ruas e praças. Assim,

a fragilidade do cenário de equipamentos públicos de lazer nos bairros pobres provoca o destaque da rua no cotidiano juvenil como território apropriado para práticas coletivas e relações de sociabilidade, onde os grupos de jovens utilizam-se da criatividade e da reinvenção dos espaços por parte deles mesmos. (SILVEIRA, 2013, apud SPOSITO, 1993, p.53)

Apesar de frequentar, gostar e se identificar com o baile, Fátima, assim como Aparecida, vivenciava situações constrangedoras e violentas por ser mulher. Ao responder sobre o que é ser mulher no baile, ela disse:

Ser mulher, não só no baile, mas em qualquer lugar já é uma tarefa muito complicada, né?! A questão do baile é que eles passam a mão, eles não te respeitam, principalmente ali dentro como é um lugar fechado e muito cheio. Por esse motivo eu não gosto de ficar lá dentro [no bar] e sempre fico lá do lado de fora porque, infelizmente, o machismo ali ainda fala muito alto. (Fátima, 2019)

Quando Fátima destaca que prefere ficar “do lado de fora” ou quando Aparecida expressa que só há uma “beiradinha para dançar”, alcançamos como o baile é um território machista, disputado, com relações desiguais de poder e conflitos. Elas criavam

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

estratégias para se divertirem e serem menos assediadas. A experiência das jovens mulheres indicava distintas territorialidades no baile, nesse caso, em função das relações de gênero. A constituição dessas territorialidades marca negativamente corpos femininos, menos livres para viverem experiências territoriais com liberdade e autonomia. Suas falas indicavam, inclusive, diferentes estratégias espaciais para curtir o baile.

Apesar de, aparentemente, poder viver com mais liberdade sua sexualidade no baile, Lucas, como jovem gay, também relatou situações em que a violência verbal e o assédio marcaram suas experiências.

Tipo assim, tem gente curte, mas tem gente que já passa e fala “ai, esse é viado, essa desgraça” e eu não abaixo, não. “Eu por um acaso tô te sarrando? Eu não sei porque você tá passando atrás de mim, num tô mandando você ficar atrás de mim!” [...] Pra você ver como esses homens são descarados, já pegou muita coisa. Esse povo, eles emociona nos viado¹⁰. Eles passam a mão também, eles passam a mão em homem e passam a mão em mulher. Eles não tão ligando é pra porcaria nenhuma [...] Tem gente que é tipo assim, eles vêm passar a mão em você. Você fala alguma coisa, eles querem brigar com você. Você tem que ficar calado, tem que aturar ou então você cai com ele na porrada ou então você cai com ele pro bequinho a fora. (Lucas, 2019).

A fala de Lucas também reforçava a pertinência da compreensão das diversas territorialidades no território do baile, uma experiência distinta, mas também parecida com as vivenciadas por Aparecida e Fátima. Assim, estar constantemente exposto a situações de violência pode ser um dos motivos pelos quais Lucas tenha afirmado que nem sempre gostava de estar no baile, mas não deixava de frequentar. Apesar dessas situações, Aparecida e Lucas preferiam ir ao baile do que não frequentarem outro espaço de lazer. Além disso, Lucas conseguia se relacionar afetiva e sexualmente com outros homens, por isso a expressão “*cair com ele pro bequinho a fora*” que, nesta situação, exemplifica justamente o fato de poder estabelecer relações com homens. Se para Aparecida, jovem mulher lésbica, o baile representava um espaço com menor

¹⁰ A afirmação “*emocionar nos viados*” demonstra uma situação de exaltação negativa dos sentimentos, como o estresse, a ira. Geralmente, a violência verbal é destinada aos homens gays. Na fala de Lucas, *emocionar* é o mesmo que discutir, falar e se exaltar diante de uma situação de conflito.

possibilidade de se relacionar afetivamente pela grande presença de homens, para Lucas havia chances de viver interações afetuosas e sexuais, ainda que com homens que não assumiam abertamente as relações homoafetivas.

Aparecida expressou um acúmulo de situações que avaliava como negativas em suas experiências no baile. Ao ser questionada se vivia mais momentos bons ou ruins, sendo mulher e lésbica no baile, ela disse:

Mais ruins que bons. Só tem homem, só tem mulher hétero [...] Eu não gosto desses trem. Então pra mim, eu prefiro um rolê LGBT do que baile, sinceridade. Eu gosto do baile e só vou porque é perto da minha casa e uma porque, tipo, nós não têm respeito. Tipo assim, desvaloriza a gente, porque acha que só porque você vai pro baile você, tipo assim, né... Eu não tô nem ligando. Mas o baile desvaloriza muito a gente. Eu falo mesmo. (Aparecida, 2019).

A fala de Aparecida reflete como sua presença no baile era fruto das contingências diante de limitações de acesso a outros espaços de diversão. A possibilidade mais concreta de acesso ao lazer estava na proximidade de sua casa ao baile. Com isso, havia restrições em sua experiência juvenil como jovem negra, em razão de limitações de sua condição socioeconômica, de poucas chances de deslocamento pela cidade e mesmo de uma rede de amigadas que viabilizasse outras experiências mais significativas. O baile representava uma das poucas opções de lazer de Aparecida e mesmo assim, sua identidade como mulher e lésbica não era seguramente respeitada nesse território. Ainda que suas possibilidades de diversão fossem reduzidas, Aparecida resistia, ia aos bailes, buscava por alternativas de fruição, mesmo que essas demandassem lidar com enfrentamentos às suas condições.

Aparecida era uma jovem que enfrentava situações de opressão e, a partir dos relatos na entrevista e das observações no campo, foi possível perceber que ela, geralmente, não se omitia diante dos conflitos. Ao levantar o tom de voz para as situações de violência verbal, Aparecida e as demais mulheres que o fazem “desestabilizam as normas de gênero vigentes e problematizam as práticas sociais de machismo que

conduzem e governam seus modos de vivenciar a condição de ser jovem e mulher”. (AGUIAR, 2017, p. 69).

Lucas também era um jovem que não se calava diante das situações de violência que vivenciava. Mas, diferente de Aparecida, a experiência de estar no baile, parecia ser marcada por mais motivos positivos do que negativos. Quando o perguntamos o que o motivava a ir ao Baile mesmo “passando raiva”, Lucas respondeu:

Eu vou porque é perto de casa. Mas também é porque o baile é bom. Nós [ele e a Aparecida] vai porque que nós gosta, porque se nós não gostasse nós não ia não [...] Eu adoro aquele baile, não aguento ficar sem lá. (Lucas, 2019).

Tanto para Lucas, quanto para Aparecida, o baile representava a possibilidade de lazer gratuito perto de casa. As experiências de Lucas estavam bastante comprometidas com o espaço do Aglomerado, as práticas de sociabilidade, trabalho e escolarização eram vividas num mesmo território. Contudo, para Lucas o baile representava também o inesperado. Em outras palavras, o jovem destacava que algo repentino e especial poderia acontecer na festa. Assim, ele contava da “busca pela felicidade” que poderia vir a encontrar no baile:

Tipo assim, você pensa: ai, eu posso ir lá no baile e dá de cara com a felicidade, trombar com a felicidade, ver a felicidade e ela falar assim “vamo ali comigo”, aí você já fala assim “aí, vou no baile que eu não to fazendo é nada, vou ficar aqui dentro de casa?”. Vai que eu chego lá no baile e tem aquele homem gostoso e já fala assim “malou¹¹, vai viver o melhor dia do seu baile”, aí ele vai e fala assim “foi o melhor dia do baile!”. Ou então você pode trombar com um amigo, muito maladeza, que tá cheio de dinheiro e dependendo, o rolê flui e você vai pra outro lugar, você para num sítio, entendeu? Então a gente nunca sabe o quê que acontece, então a gente sempre vai. Só vai! (Lucas, 2019).

Sua fala revelava que se por um lado, a diversão mostrava-se limitada ao baile e os arredores do bar, por outro, a casa de uma/um amiga/o poderiam ampliar a experiência de lazer, a partir da presença inicial no baile. Lucas contou de situações em que

¹¹ É uma variação de “maladeza”, significa algo ou alguma situação que é boa. Nesta situação, Lucas a utiliza como alguma situação que se coloca como positiva.

emendou “outros rolês” depois do baile. Sendo assim, compreendemos que a experiência no baile representava possibilidades, mesmo que esporádicas, de ampliação da sua rede de pessoas e de acesso à cidade.

[...] Mas o rolê após baile acontece. Depende é de você, porque às vezes pode xiar¹² uma pessoa pra você e pode não xiar uma pessoa pra mim. É um rolê depois, após baile. Você vai pra casa do boy, dependendo cês pode curtir um clube no outro dia. Já aconteceu isso também. Eu já saí do baile, fui pra casa do boy, depois fui pro clube, com um tanto de amiga. (Lucas, 2019).

Nas entrevistas, Aparecida, Lucas e Fátima compartilharam situações envolvendo a polícia. O trabalho etnográfico também revelou a ostensiva presença policial. Parecia ser naturalizada a possibilidade de que o baile a qualquer momento poderia ser interrompido e que um conflito pudesse se estabelecer. Assim, as/o jovens relataram que viviam com a sensação de que a polícia poderia chegar e acabar com a festa.

O Baile do Mariano não possuía um alvará de funcionamento. Logo, as festas eram vistas como ocupação ilegal do espaço público, do ponto de vista do Estado. Essa era uma das justificativas para que a polícia agisse, em vários momentos, com força excessiva a fim de dispersar o público dos eventos. Durante as visitas de campo, a presença de viaturas policiais na Praça do Cardoso, praça que dá acesso à Rua do Bar onde o baile acontecia, sempre foi observada. Como moradora/pesquisadora, uma das autoras presenciou diversos casos de violência policial nos bailes.

Em julho de 2017, um baile no Aglomerado da Serra virou notícia em todos os jornais locais, pois um jovem de 14 anos foi assassinado durante a ação da polícia militar na festa. O baile da Binário, que era realizado na rua Binário, na Vila Cafezal, foi interrompido com bombas, tiros e gás. Aparecida e Lucas estavam presentes no dia do acontecimento e relataram as sensações.

Ah, minha filha, a minha reação sabe qual foi? Eu não tive reação, não. A multidão me levou pro morro e eu subi com eles me empurrando. Eu nem consegui correr. (Lucas, 2019).

¹² Xiar significa, nessa situação, o mesmo que “chegar”, “aparecer” ou chamar alguém para ir para algum lugar.

Eu só parei no poste, assim, e quando eu olhei pra trás aquela multidão correndo e descendo. Tipo assim, as motos já tipo virando pra [Praça do] Cardoso, aquele tanto de moto ali. Eu fiquei parada. Na hora que eu vi que todo mundo correu, eu corri. Eu corri pra rua debaixo da [Praça do] Cardoso, ali onde tem aqueles predinhos e na hora que eu desci os policiais já estava trocando tiro com os meninos o beco ainda [...] a maioria das pessoas que correm não são daqui, são os marmota de fora. Aí, tipo assim, até a gente corre porque até assusta a gente. A gente não sabe quê que tá acontecendo, já vê as polícia lá de cima. Às vezes até a gente que é daqui a gente corre [...] mas só que quem lombra¹³ mais são o pessoal de fora. (Aparecida, 2019).

Depois desse assassinato, muitas mobilizações aconteceram no Aglomerado e com isso surgiu o Observatório do Funk, um coletivo político-cultural formado por advogadas/os populares, jornalistas, produtoras/es culturais de dentro e de fora do Aglomerado da Serra. O coletivo, até a época da pesquisa, estava em constante diálogo com a Polícia Militar, vereadoras/es, a Secretaria de Cultura de Belo Horizonte e outras representações da sociedade civil para realizar eventos na comunidade.

Além do Baile da Binário, o Baile do Mariano era também local onde as/o jovens relataram situações de violência policial. Durante a entrevista, Aparecida também compartilhou algumas reflexões e disse: “Amiga, pode ficar despreocupada que vai acontecer ainda [a chegada da polícia]. Eles vão chegar e ainda parar o som.”. Assim, podemos afirmar que além do racismo, das desiguais relações de gênero e sexualidade, que impedem que Aparecida, Fátima e Lucas experienciem com liberdade a ocupação do Bar do Mariano, a violência institucional, o racismo estrutural¹⁴ reincidem desfavoravelmente sobre os corpos majoritariamente negros e pobres no baile.

Para a psicóloga Larissa Borges (2013), a opressão policial está associada diretamente ao genocídio da juventude negra, pois considera que “o processo de extermínio de jovens inicia com a violência simbólica e se consolida com as violações de direitos cotidianas que precedem a morte do corpo.” (BORGES, 2013, p. 141). Assim, neste contexto de violências físicas e simbólicas compreendemos que a presença e

¹³ Lombrar é o mesmo que atrapalhar.

¹⁴ Para Silvio Luiz de Almeida (2019) as instituições são a materialização de uma estrutura social que tem o racismo como um de seus componentes. Assim, entendemos o racismo como estrutural uma vez que as instituições reproduzem violências racistas.

participação das/os jovens nesses eventos se configuram como uma importante estratégia de re-existência.

Considerações finais

A etnografia desenvolvida desvelou a importância do baile *funk* como uma possibilidade de lazer para jovens negros/as moradores/as da periferia urbana. O território de moradia era também território de lazer e mostrou-se como um componente essencial na trama das referências identitárias e nos processos de sociabilidade juvenil. Destaca-se a Praça do Cardoso como território fundamental que integrava o baile. Antes e depois do baile, a praça era amplamente ocupada por jovens, como uma extensão da festa. Cabe destacar como muitos trabalhos de pesquisa com jovens apresentam o espaço público como uma importante dimensão da sociabilidade juvenil. Nas cidades e nas ruas se extrapolam as figurações das relações dadas exclusivamente no abrigo do parentesco e da família.

As territorialidades da cidade espelham as múltiplas desigualdades. Desigualdades socioeconômicas, de gênero e sexualidade, racismo, violência policial, são dimensões presentes no baile e narradas pelos sujeitos da pesquisa. Compreendemos que a criminalização das culturas juvenis das periferias das cidades revela faces do racismo estrutural no Brasil em que o direito ao território é vivenciado de forma desigual.

Aparecida, Lucas e Fátima foram personagens protagonistas dessa pesquisa. Seus corpos, vidas, vozes importam. Suas múltiplas identidades e vivências denotam diferentes contornos sobre as experiências de ocupar um baile *funk*. Ao trazê-las/o para as reflexões deste trabalho foi possível alcançar como esses sujeitos ocupam de distintas maneiras o mesmo espaço. Em um primeiro momento, ao compreender o baile pode-se deduzir que só há aspectos festivos e alegres nessa experiência. Mas, as vozes juvenis identificaram, nomearam e visibilizaram relações desiguais de poder, principalmente em função do racismo, machismo e homofobia. Essas relações produzem experiências e territorialidades múltiplas.

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

A repressão policial foi uma realidade narrada por todos as/os jovens desta pesquisa, mas não estão restritas apenas ao território do baile. As razões disso remontam a um histórico racista e classista. Assim, a criminalização das culturas periféricas, especialmente juvenis, é parte de um processo mais antigo de criminalização das culturas da diáspora negra. As violências policiais no território do baile podem ser entendidas como parte do processo de genocídio da juventude negra e periférica, pois jovens estão muito mais vulneráveis à pobreza e a mortalidade em territórios onde a maioria da população é negra, ao contrário de jovens brancos em territórios menos pobres, conforme aponta o relatório da Comissão Especial de Estudo sobre o Homicídio de Jovens Negros e Pobres¹⁵ realizado em 2018.

A pesquisa mostrou que o Aglomerado da Serra e o baile não são apenas uma referência espacial, ou espaço funcional de residência, mas categoria social e simbólica, principalmente. Mesmo diante de tantas desigualdades, há intensa marca do território do baile nas subjetividades juvenis. Compreender as experiências de jovens no baile provocou uma leitura da vida urbana. A investigação fez emergir questões que trazem novos desafios aos estudos de geografia com jovens negras/os, entre eles compreender o urbano, esse conjunto de forças em movimento (LEFEBVRE, 2006) do ponto de vista de sujeitos e suas apropriações territoriais.

¹⁵ O relatório é fruto da Comissão aprovada pela Câmara Municipal de Belo Horizonte e teve a então vereadora Áurea Carolina como relatora. Para ver o relatório completo: <http://cmbhsildownload.cmbh.mg.gov.br/silinternet/servico/download/documentoVinculado?idDocumento=2c907f766350c5020163846141a114f5>

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Jéssica Sapore. **Existo Porque Resisto**: Práticas de re-existência de jovens mulheres aprendizes frente às assimetrias de gênero. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, 2017.
- ALEGRIA, Paula. “Vai Ter Viado Se Beijando, Sim!”: Gênero, Sexualidade e Juventude entre alunos do Movimento Estudantil Secundarista de uma escola pública federal do Rio De Janeiro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF**, v. 13 n. 1 junho. 2018.
- ALMEIDA, Miguel Renato de. **Favela, arte e juventude**: pensando a relação entre ações artístico-culturais e identidade no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson de Souza e. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 1, fev. 2013.
- BONDÍA, J. Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar. 2002.
- BORGES, Larissa Amorim. **Nas periferias do gênero**: uma mirada negra e feminista sobre a experiência de mulheres negras jovens participantes no Hip Hop e no Funk. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. **Violência LGTBfóbicas no Brasil: dados da violência**. Elaboração de Marcos Vinícius Moura Silva. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia>. Acesso em 1 de dezembro de 2019.
- COSTA, Thiago de Araujo. **Deambulações Pelo Aglomerado da Serra**: Lentidão, Corporeidade(s) e Oblitarações em Favelas de Belo Horizonte. 20011. 142 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- DAYREL, **O rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- FACINA, Adriana. **“NÃO ME BATE DOUTOR”**: FUNK E CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2009
- NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH*

FERRAZ, Luiz. **Mercado Imobiliário em Vilas e Favelas**: o caso da Comunidade da Serra. Monografia. Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: reflexões sobre a realidade brasileira. In: Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Menezes. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 419-441.

Gomes, Nilma Lino e Laborne, Ana Amélia. Pedagogia da Crueldade: Racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista** [online]. 2018, v. 34, Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>>

GUIMARÃES, Berenice Martins. **Cafuas, barracos e barracões**: Belo Horizonte, cidade planejada. Tese (Doutorado) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ. Rio de Janeiro, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educ. rev.** n.46 Belo Horizonte dez. 2007. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 1 de dezembro de 2019.

HISSA, Cássio. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LEAL, Álida Angélica Alves, LIMA, Gerson Diniz, REIS, Juliana Batista. **Territórios e culturas juvenis**. Revista Presença Pedagógica 166. Belo Horizonte. 2014

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006

LIBÂNIO, Clarice de Assis. **Coleção Prosa e Poesia do Morro**. Volume 4: pensando as favelas de Belo Horizonte – Ensaios. Belo horizonte. Favela é isso Aí, 2007.

LIMA, Verônica Rodrigues Azevedo Almeida de Lima; BERNARDES, Antônio. TERRITORIALIDADE, CORPOREIDADE E LUGAR: OS BAILES FUNK EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ. **Revista Geofonter**. v. 1, n. 1 (2015). Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/818>. Acesso em 1 de dezembro de 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana." **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

_____. SOUZA, Bruna Mantese de; (Org.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

PEREIRA, Doralice Barros. Os territórios funcional e simbólico na visão de jovens ligados a drogas do aglomerado Santa Lúcia, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Acta Scientiarum - Human and Social Sciences**, Maringá, v.36, n.1, p.85-95, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2158> 1. Acesso em 19 de outubro de 2019.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Leonardo Toledo. **As crianças e o brincar em suas práticas sociais**: o aglomerado da Serra/BH como contexto de aprendizagem. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2012.

SILVEIRA, Ana Claudia Bambirra. LEÃO, Geraldo Magela. **Sociabilidade e Juventudes**: um olhar transversal sobre a condição juvenil a partir da relação dos jovens com o território. In: Sociabilidade e Ações coletivas: processos educativos em contextos escolares e não escolares. Org: Iza Rodrigues da Luz, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves. Mazza edições. 2014.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua**: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo social. rev. sociologia, São Paulo, n5, v.1-2, p. 161-178, 1993.

Data de Submissão: 16/04/2021

Data da Avaliação: 27/10/2022

NONATO & REIS, Territórios juvenis negros: sentidos das experiências em um baile funk no Aglomerado da Serra/BH

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.357